

CIÊNCIAS & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDACÇÃO

ASSIGNATURA

P.º Antonio Hermano

REDACÇÃO

C. de S. Damaso

Director

Collegio de S. Damaso

GUMARÃES

IMPRENSA

BOLLETIM DO COLLEGIO

O Collegio de S. Damaso no ensino

Mais uma vez o Collegio de S. Damaso tomou logar na primeira linha. Teve 255 approvações, 22 distincções e só 8 reprovações!

Esta estatística ainda a não vi igualada.

É uma distincta e incontestada victoria.

Na verdade os nossos collegiaes avizuram-se d'uma maneira mais que briosa e corresponderam a valer aos esforços e à expectativa de seus mestres.

Como confirmação peremptoria aos numeroz eloquentes, temos tambem as affirmações calorosas de muitos examinadores. Esses elogios, que nos enchem de justo orgulho, archivamol-os como verdadeiros diplomas de merito.

É mais nos envaidecemos se consideramos os motivos do inequalado triumpho. Não o devemos á profusão de empenhos: não os teriamos e, fivessemol-os muito embora, seriam inuteis perante o espirito de inquebrantavel justiça, notorio no Lyceu de Braga. Não o devemos absolutamente a nada, que não seja o trabalho decidido, methodico e habil do corpo docente, á boa disciplina e á consequente applicação dos alumnos.

Esta é a verdade: aqui trabalha-se, cumpre-se escrupulosamente o dever, não se

desperdiça o tempo em folgancas de problematica utilidade, em *sarais* elegantes, em festas numerosas, em *perissas* extravagantes e espalhatosos, verdadeiros attentados contra a attenção dos alumnos e contra a bolsa das familias. Aqui estuda-se e por isso, por justiça, colhem-se resultados não exadibis nem mesmo equalados.

Nem vá julgar-se que a excepcionalidade do exito em grande parte se deve ao excesso de trabalho, com que opprimimos os nossos alumnos. Não ha tal: os estudantes tem e verdade um trabalho assiduo, regular, bem combinado, mas nunca realmente penoso, nunca offensivo das boas normas pedagogicas e sempre tolerante, brando, facilitado. Muitas das regras d'ensino, que a Reforma d'Instrucção Secundaria nos inculca, já tinham n'este collegio criteriosa applicação. Assim, por exemplo, nas aulas de linguas, os professores tinham o louvavel cuidado de poupar a seus discipulos o uso e abuso longo, fatigante e brutalizante do dictionario, traduzido-lhes e explicando-lhes as lições uma e mais vezes até ficarem sabidas. Por este e muitos outros meios de intuitivo valor pedagogico temos conseguido realizar um ensino extremamente effizaz e quasi sempre facil, grato e ameno.

A pena está a pedir muito mais lata expansão, mas não lha admitto o conselho, por ser em causa propria o elogio que teço.

AOS IMPIOS

(DEPOIS DA LEITURA DA POESIA *AOS SIMPLES*
DE GUERRA JUNQUEIRO) ¹

O' impios, que viveis sem paz, agrilhoados
A' rocha colossal do vicio, das paixões;
O' impios, que cortis remorsos abafados,
E desdenhaes d'inveja os lirios perfumados,
Que viçam tão gentis em nobres corações;
Impios, que invectivae a crença esplendorosa,
Que dentro em nós viceja, assim como uma rosa,
A crença, luar eterno, a crença, astro d'amor,
Que puro reverbera em almas diamantinas,
Qual orvalho do céu nas petalas da flôr;
Impios, que não hauris, nas paginas divinas,
O balsamo da fé, da meiga fé christã,
E anhelantes erraes nas trevas mais escuras,
Onde nunca alvorece a limpida manhã;
Impios, cegos mortaes, miserimas creaturas,
Que 'nalma não quereis nutrir um germen santo,
«Um lirio immaculado, um lirio alabastrino,»
Pedindo á contricção que o banhe com seu pranto,
E á graça divinal com seu clarão divino;
Impios, que vos lancaes ao mar da incontinencia,
E 'nesse mar profundo, horrendo, envenenado,
Submergis, á traição, a impróvida innocencia,
Zombando da candura, e rindo do peccado;
Não vos maldigo, não! Minh'alma vos deplóra,
Espiritos sem luz, ó filhos da desgraça,
Para quem a consciencia é lei que não vigóra,
Para quem a virtude é *illusão que passa*.
Não desperta o arrebol nas sombras do monturo,
E o céu tambem lhes manda irradiações a flux...
Oh! se vingasse alfim o meu anhelô puro!
Se o brado que levanto e as preces, que murmuro,
Fizessem, 'nesse horror, chover celeste luz!...

Desde a *minha risonha*, encantadora *infancia*,
Ninho feito de brilho e beijos da manhã,
Sinto chegar do azul a celica fragrancia
Da verdade que vós, incredulos, com ancia,
Debalde procuraes 'numa sciencia vã.

.....
.....
.....
O' Deus, ó Deus Supremo! Ai, que penar profundo,
Que tormentos sem fim, que angustias infernaes,

¹ Presto ao eximio poeta Guerra Junqueiro o preito que é devido ao seu grande talento.

Não torturam, Senhor, os improbos mortaes,
 Que d'esta vida vão, que partem d'este mundo,
 A rir do nome teu, com risos de chacaes!
 Por elles devo orar. O alvor surgiu formoso.
 Em breve o sol, cantando ao Creador bondoso
 Um hymno d'aurea luz no espaço immaculado,
 Irá beijar, no bosque, o platano orgulhoso,
 E a gramasinha humilde, a despontar no prado.
 Agora, que do céu transluz tão docemente,
 No meigo rosicler, o teu sorrir clemente,
 Pelos impios supplico, ó Deus de compaixão!
 Já que não querem ler no claro firmamento,
 Manda-lhes um conforto a cada *soffrimento*,
 Manda-lhes *uma estrella a cada escuridão*.
 Ah! não arda, Senhor, a terra, qual ardia
 Contra Abiron, o audaz, quando puniste um dia
 Nos estos da justiça os estos da impiedade!
 Não os alcancem, não, as coleras frementes,
 Que fazes abaixar do céu, ¹ contra os descrentes,
 Quando ousam supprimir a divinal verdade.
 Aclara-lhes, benigno a luz de teus preceitos,
 Que outr'ora fulgurou nas cristas do Sinay.
 Adorem-te, Senhor, humildes e sujeitos;
 Saibam como é suave o jugo dos eleitos,
 E bemdigam também teu coração de pae.

.....
 O cedro, que ergue, altivo, a côma donairoza,
 Curva-se do tufão á voz impetuosa:
 Também esses mortaes, altivos como o cedro,
 Se curvarão perante a graça luminosa,
 Que salvou Magdalena, e fez chorar a Pedro.

Descrentes! vós zombaes, bem sei da minha fé,
 E do *simplex* que enfim vencer-se não deixou
 Nem dos torpes baldões do cinico Arouet,
 Nem dos sophismas crús do estolido Rousseau.

Esses os mestres são do lubrico vicioso,
 Que adora o deus-prazer, nos sordidos bordeis;
 Que aborrece o viver, quando lhe falta o goso,
 E ao acaso attribue d'este universo as leis.

Não proclamejs o Bem: o vosso Bem é zero.
 A Ideia... para vós a Ideia é vil materia,
 O vosso Deus... o deus de Juliano e Nero.
 Vossa *deusa* — *Razão*... uma qualquer Impéria.

Mas não queiraes dormir o derradeiro somno,
 Sem ver aquella luz
 Que do Calvario vem — do luminoso throno,
 Que o Rei dos Reis formou da sua eterna Cruz.

Podeis, podeis ainda, aos pés da cruz sagrada,
 Nova vida viver, na paz da redempção.
 Basta que alli deixeis (offrenda abençoada!)
 Choroso do passado, o pobre coração.

Vereis como elle exulta e reflorece, quando
 Sentir do amor diuino a seiva. Oh! não vos peze
 De ouvir a voz de Christo, a voz de Leão Treze,
 A desgarrada ovelha ao seu redil chamando.

E Deus ha de attender a prece lacrimosa,
 Que do intimo do peito aos labios assomar.
 E a Igreja, mãe benigna, a Igreja carinhosa
 Vos ha de ao coração com jubilo estreitar.

Depois... nada temaes. Sim, ha de, no porvir,
 Da grande punição livrar-vos a verdade,
 Crystal, onde se espelha, esplendido, a sorrir,
 O sol que não tem mancha — o sol da eternidade.

Oh! se pudesse ainda a humanidade ver-vos,
 Commigo pela crença unidos, abraçados,
 No olvido lançaria escriptos desvançados,
 Para só vos amar e sempre bendizer-vos!

A treva da descrença, aterradora, escura,
 A vida vos ennoita e gela o coração;
 E nós vemos a fé, estrella argentea e pura,
 Que o mar nos abonança, abrindo a cerração.

Mas... ni bem comprehendo a lucta porfica
 Que travam, dentro em vós, verdade e scepticismo;
 — Ella, pugnando em prol da Igreja gloriosa,
 — Elle, do vicio torpe e da paixão nervosa;
 — Ella, mostrando o céo, — elle, cavando o abysmo.
 Comprehendo a hesitação e a pallida tibieza
 De quem alfin conhece os erros d'um systema,
 Na mão sustendo a custo as armas da defeza.
 Se pede então á crença e ao facho da certeza
 Os brilhos d'outro ideal, e as cores d'outro lemma,
 Trememente se levanta o livido receio,
 Que descortina além, 'num deleterio meio,
 A *Ideia Nova* erguendo a fronte mundanal,
 Loucamente a golfar, do prostituido seio,
 Invectivas hostis, imprecação furial.

Comprehando a atroz saudade e a magoa tão pungente,
 Que exausto o coração no desengano sente,
 Fugindo á seducção fagueira da mentira.
 Tal o velho usurario, inutil, moribundo,
 Que vae deixar, em breve, as illusões do mundo,
 O seu thesoiro chóra, e assim chorando... expira.

Descrentes! Nosso fim e nossa aspiração
 E' Deus: — O Deus que lança effluvios de perdão
 A quem, arrependido, O invoca humildemente.
 O mundo inteiro O affirma, attesta-O nos: a historia:
 Que os sabios e os heroes, vultos d'immensa gloria,
 Renderam sempre culto ao Deus Omnipotente.
 Um sonho não é, pois, nem frivola illusão,
 A crença perennal, suavissima, que alenta,
 Qual balsamo oloroso, o espirito christão;
 — Esta crença que anima e adoça o coração,
 Quando a miseria chora, e a dôr nos atormenta.
 Quereis que diga tudo?... Emfim, se vos apraz,
 Verdade mais amarga ouvi dos labios meus:
 E' loucura a descrença; e o louco é mui capaz
 De conceber, blasphemo, a presumpção audaz
 De ser mais que Lusbet e assassinar a Deus.
 Sim, vós alimentaes a serpe da heresia,
 Dando-lhe, em taça d'oiro, a dulcida ambrosia
 Do sensual prazer! Mas ai de quem persiste
 Em negar, desprezando a nossa fé querida.
 Que, depois d'esta vida existe inda outra vida,
 Que, depois d'esta vida, a eternidade existe.
 E' tempo: despertae d'esse improbo delirio,
 Que a vida para vós ha sido, por desdita,
 Um valle desolado, uma arvore maldicta,
 Arvore sem um gomo, e valle sem um lirio.
 Mas quem vos salvará do tenebroso abysmo?
 Quem pôde lá descer, com protectora mão,
 Se ao fundo vos lançou cruel somnambulismo,
 E os olhos não abris ás luzes da razão?!
 Como haveis de esquivar as maldições futuras,
 Se convosco arrastae as gerações vindouras?
 Ah! pensae, meditaes nestas verdades duras;
 Ao menos não jorreis peçonha em almas puras,
 Não roubeis a Jesus essas creanças louras.
 Olhae, vêde o pendão, que hasteado fluctua
 Por sobre o mundo crente — o lucido Evangelho.
 A impiedade — que horror! — para bandeira sua,
 Em Paris recolheu, no esgoto d'uma rua,
 De Voltaire o lençol, ennegrecido e velho.
 Mas ai! reviva em vós a consciencia morta.
 Onde a treva negreja alvore o claro dia.
 O peccador contrito, a quem seu Deus conforta,
 Não treme da irrisão, não treme da ironia.
 A vista erguei ao céu. E, emquanto um brando alento
 Em vós de vida houver, deveis perdão rogar,
 Que foi grande a loucura, e horrivel foi o intento;

Mas Deus é Pae benigno e lá do firmamento,
Vos ha de abençoar,
E o seu immenso amor, o seu amor paterno,
Ao ver-vos, junto á Cruz, chorando compungidos,
Ha de meigo sorrir, com um sorriso eterno,
Como outr'ora sorriu a vossos paes queridos,
Abrindo lhes na morte o portico superno,
E eu, na modesta paz, tão sancta, do meu nada,
Por vós fico exorando, em térvida oração,
Até que allim chegueis, com intimo respeito,
A agasalhar no peito
A fé celestial, radiosa, immaculada,
Que leva — Paulo o diz! — á gloria, á salvação.

Conego José Maria Ançã,

Vice-reitor do Seminario de Beja.

AS VICTORIAS DA FÉ

Quem considera um pouco sobre a corrente de certo florescimento no espirito religioso que vae dominando os ideaes mais alevantados da sciencia moderna, não só se congratula com esta civilisadora conquista do catholicismo, que é um facto digno de applaudir-se, como extranha tambem os desvios d'essa corrente de irreligiosidade que ha tanto tempo pretendia dominar os horisontes das conquistas scientificas.

Este facto, que é novo, o estabelecimento d'esta tendencia para a luz da revelação, dá muito que pensar.

Pois como é que assim se abandonou essa orientação scientifica herdada no espolio do seculo passado e transmittida até nós na propaganda da philosophia sem Deus?

Ainda ha uns bons dez annos o curso dos estudos mais avançados tinha por interesse philosophico orientar o homem nos systemas da irreligiosidade para assim amplamente exercitar as forças da sua vitalidade intellectual.

Como é, pois, que assim se baralham tantos esforços, se abandonam tantos systemas e se declinam tantos principios?

Porque é que a sciencia, que tão assignalados philosophos quizeram affastar do ideal da religião, volta a congraçar-se com ella vindo ambas a darem um caloroso abraço, como se abraçariam nos espaços dois cherubins que se tivessem perdido no meio dos rigôres d'uma tempestade?

Explicuemos o facto porque dá muito prazer tornar-o bem patente.

A humanidade cançou de esperar em van pelas evoluções da sciencia e viu que depois de tudo destruir, a philosophia atheista nada conseguia edificar; a sociedade fatigou-se de ver que nenhuma asseveração consoladora e balsamisante vinha substituir os attractivos da crêça religiosa; esperou a solução das questões sociaes, dos problemas economicos, dos systemas humanitarios, dos principios da paz universal e da fraternisação das raças humanas, e nada d'isto viu realisado, nada achou definido; as theorias multiplicavam-se n'um labyrintho e nada era apurado e estabelecido de solido e fecundo: d'ahi veio a desesperança e se originou o abandono!

A crença, que foi combatida com vigôr, ficou intemerata e soberana para mais uma vez assistir ao destroçar e á derrota dos que a affrontam e mal-dizem: a sociedade humana vae a caminho do mais decidido desengano, a philosophia exclusivista, que tentava destruir o sentimento religioso, bate em vergonhosa retirada,

E' que os ensinos do Evangelho tem a luz do céo e a Cruz está envolta nos nimbos prodigiosos do amor divino!

Porto, 1895.

Padre F. J. Patricio.

« O Deus eterno e o Deus — Milhão »

No pedestal de todos os conhecimentos humanos, fulgura rectilante a sublime ideia de Deus. Todas as ideias brotam d'uma razão, e a razão é sempre illuminada pela intelligencia, a intelligencia é a sentillação luminosa d'um espirito. Tudo o que fere os nossos sentimentos, todas as coisas que nos cercam, todos os seres cuja existencia testemunham os nossos olhos suppõem um sabio principio gerador, uma intelligente causa primaria creadora que infunde a vida, o movimento, a acção em todas as esferas da existencia. E se assim não é, concluiríamos fatalmente pelo acaso e pela materia geradores e creadores. Mas que? O acaso é uma palavra sem sentido, uma palavra que não existe, uma palavra que não tem realidade e que ainda mesmo existindo seria o ideal da inepecia, incapaz de saber o que faz e incapaz de repetir-se, quando succedesse fazer o bem, ou uma obra perfeita. A materia tambem nada explica porque ella é indefinidamente multipla e divisivel e a intelligencia, rainha do mundo, é necessariamente uma e indivisivel. Que solução nos resta pois, para este intrincado problema?

Indaguemos.

As escolas definem a — sciencia — dizendo que ella é o conhecimento das cousas pelas suas causas. Nada que existe, explicam, é absolutamente perfeito; um laço intimo liga todos os seres, todas as creaturas são correlativas; a natureza caminha dirigida por uma lei immutavel; tudo quanto sente, tudo quanto vegeta, tudo quanto existe teve um principio e uma causa. Luminoso pensamento!

Eis aqui a ideia de Deus esplendendo nas trevas da nossa razão! Essa causa primaria e absoluta,

essa existencia nua e eterna, esse principio increado e necessario, esse Ente creador, ordenador, modelador, poderoso, perfeito, omnipotente, immutavel, immenso e infinito, é Deus. Deus existe, Deus existe! O perfume d'uma flôr canta a Essencia purissima de Deus; a rutilação d'uma estrella entremostra a excelsa grandeza de Deus; a rocha lascada pelo raio do céo no espigão da serra apregôa a soberana omnipotencia de Deus; a alterosa vaga marinha que rola fervida na praia deserta, entôa um hymno á magestade de Deus; a tempestade que geme sibilante nos braços da floresta, retumba eloquentemente o nome de Deus, anima o mundo dos espiritos. Oceano inexgotavel da vida, fonte universal da luz, focco inextinguivel e eterno do amor, Deus ergue-se sobre toda a historia, revela-se em todos os factos da existencia, irradia em todas as edades humanas e em todas as concepções religiosas, aureolado com os divinos attributos da santidade, da sabedoria, da bondade, da misericordia, da omnipotencia, da perfeição infinita. E' por isto que Deus é um facto estabelecido pela razão, é uma verdade firmada na relação de causalidade que existe entre todos os seres, é a these inconcussa alicerçada no consenso universal de todos os povos. E' verdade. Eu vejo Deus na natureza como Linneu, eu solettro o nome de Deus nas espheras do espaço como Newton, eu adivinho a existencia de Deus na gravitação dos corpos celestes como Kepler, eu surprehendo a ideia de Deus nas irradiações da intelligencia e na genese e evolução do pensamento como Bacon, eu canto as glorias de Deus nos esplendores das suas perfeições infinitas como St.º Agostinho, como S. Boaventura, como St.º Thomaz d'Aquino! Deus, grande Deus! A este nome sagrado, ao ouvirem pronunciar esta palavra

sacrosancta curvam-se todos os joelhos no céu, na terra e no inferno! Mas que? Dura verdade. Existem homens que se esforçam, que luctam desesperados como Titans, para escalamem o céu e arrancarem Deus do seu throno, para roubarem Deus do nosso coração. Não falta quem diga ser Deus um mytho, uma mentira, uma palavra sem sentido, quem blaspheme com Renan: «Tudo é possível menos Deus.»

E no entanto tudo canta no mundo a gloria de Deus; os ceus narravam a gloria de Deus, as selvas rezam cheias de poesia o nome de Deus, a arte inunda com a sua formosura os mais arrojados, ideaes dos sentimentos religiosos, o espirito do homem surprehende em todas as edades da historia as primeiras orações inspiradas á alma dos povos pela religião da natureza, assim como adivinha a ideia religiosa no enygma dos hierogliphos, na mumia do Egypto e a sciencia em seus arrojados voês, passa além da materia grosseira e remonta-se até á idealidade mais pura e transcendente, que é tão verdadeira como a mesma realidade quando vista com os olhos da alma. Que significam então os divinos dialogos de Platão inspirados pelo ideal eterno do infinito, a esperanza immutavel de Socrates bebendo a cicuta com os olhos fixos na immortalidade, as vozes dos philosophos antigos discreteando nos jardins d'Athenas sobre dogmas moraes, aquellas preces de poetico lyrismo entoadas nos pagodes indios pelos sacerdotes de Brahma e escriptos nos sagrados livros dos «Vedas,» aquelles oraculos que resoavam na noite do paganismo debaixo dos carvalhos do Dodona e dos loureiros de Delphos vibrados pela bocca d'Apolo, todos aquelles sacrificios, enfim, consummados quer nas florestas germanicas pelos padres druidas, quer nas aras de Roma pelos ministros do sacrificio, quer na Judeia,

na patria das tradições religiosas, pelos levitas de Jehovah!

Não sei que resposta possa dar-nos o atheu. Mas elle ao menos, illude-nos, finge responder-nos apparentando-se-nos coherente. Vêde então o que elle faz. Depois de nos haver negado o nosso Deus, depois de nos ter arrancado do coração o nome de Deus, depois que, impio e sacrilego, nos empurrou cescaroavel para o barathro do materialismo, então dá-nos um idolo, ergue sobre o altar das nossas crenças um bezerro de carne e um bezerro d'ouro para que o adoremos. E brada-nos: Eis ahí o teu Deus — é o prazer, o goso, a carne, a materia, a satisfação dos teus instinctos animaes. Quem domina é a plutocracia do ouro, quem impera é o Deus-Milhão. E a verdade é que o novo idolo apparece e manifesta-se com todas as apparencias d'um culto externo rendido por milhares de adoradores. Tem seus templos, que são a Bolsa, as officinas, as machinas, as minas e as fabricas, tem seus sacerdotes que são os especuladores, os argentarios e os opulentos, tem suas victimas que são os pobres operarios, as pobres creanças, tem os seus canticos, os seus hymnos e as suas festas que são os silvos da locomotiva, o ruido das machinas e ranger das tenazes e os gritos, os suspiros, as lagrimas e as blaspheméas do pobre operario, desprotegido, cansado, acorrentado a um trabalho triste, duro, insano e insustentavel, sem uma tregoa de repouso, sem uma palavra amiga de conforto, sem um unico conselho de paz e quasi sempre sem mesmo uma remuneração ajustada e condigna!

Estabeleci o paralelo: diga agora a logica do bom senso qual dos dois Entes entre si tão diversos merece o nosso culto, a nossa adoração.

P.º Gonçalo Alves.

O MISTERIO

Uma religião sem misterios seria o mais estranho dos paradoxos. Toda a theogonia no ambito de cujo balsão se arrigimenta a turba do proselitismo, ha de ter em sua Biblia a profunda cifra escura do misterio; se a não tem, será escola, religião jamais. Como no pégo redemoinhado, virgem de sonda, ha a fascinação desvairante, ha tambem na maga verdade infinita o esplendor soberano, que confunde o pensamento exiguo.

O misterio é a condicção do respeito intellectual: a razão mal se inclina reverente ante as claras verdades em que não descortina a penumbrosa magestade do Divino. E' por isso que os sistemas filosoficos, expostos sempre á inquirição audaz do pensamento, succumbem e se transformam: só a religião fica, porque só ella tem um tabernaculo intangível, perante o qual o pensamento humilhado se põe de joelhos, em fervente lausperenne.

Não ha mais alternativas: ou a religião com a augusta santidade de seus misterios, ou a negação absoluta, o atheismo franco, — aberração sinistra, que o bom senso da humanidade jamais acceitou, nem nas edades de barbarie feroz, nem nas mais galernas singraduras da civilisação.

Todavia a impiedade repelle os misterios vendo nelles um insulto á razão soberana: na periferia de sua orbita quer só luz, ella que á luz suprema fecha os olhos; não quer a via lactea do misterio a inquinar-lhe a planura da sua visão!

Contradicção ridicula!

O misterio é a essencia do pensamento finito: se este não encontrasse lindes, medir-se-hia com a Divindade, egualar-se-hia á Omnisciencia. E' a so-

berbia desvairada d'um orgulho sacrilego, vinda já d'alem dos exordios da humanidade.

Ambição ignara!

A negação do misterio religioso obriga á negação do misterio natural, porque a logica, cega como a justiça, manda com erecta soberania, sem accurar-se aos empenhos do coração.

E esse misterio natural é tão vasto, tão complexo...

Para onde quer que a intelligencia confundida se volte, vê-o como um sarcasmo.

Se o fixa, agiganta-se dominador, torvo.

Envolve-se no que ahi ha de mais claro — a luz, o som, a vida, a ideia, a consciencia.

Tanto o descobrimos no astro magnífico que em via-sacra perennal adora o Sol, como na ignorada grama, que a humildade beija: tanto avulta na treva da noite sem lua, como na serena claridade meridiana; tanto se enleia na alma gracil da infancia descuidosa, como no espirito maguado do velhinho, que vae direito á campa.

Quer a alma o segredo bento do misterio como o pulmão exige o banho vivificante do ar.

Por isso a impiedade na lucta pertinaz contra esta lei immanente, bordeja pelos dominios da gargalhada: alça em seus miranetes o guião da guerra santa contra a escravatura intellectual religiosa e *pari passu* é vergonhosamente vencida pelas mil incognitas da natureza.

Contra Deus investe: perante a natureza protesta-se!

E' sempre cobarde!

MEDITAÇÕES

Os Sanctos.

Entre as altissimas magnificencias plurimas, que no Christianismo me assombam, eu applaudo com muito particular enthusiasmo esta: — *o culto dos sanctos.*

Elles, os anjos do bem, erguidos fulgurantemente em seus altares de benção, luzem perennemente o almo brilho das virtudes todas. Os seus labios embora mudos, teem o fervor das eloquencias sublimes: subjugam e commovem com a suprema logica — o exemplo.

Como os fanaes que na praia se levantam vivos de luz, frechando de radios as penedias assassinas, se erguem elles — os guardas da cidade de Deus — apontando ao homem — mareante afflicto — as insidias sem conto que as paixões abrigam.

São como as estrellas nas planuras firmamentarias: varam as trevas dos mil erros que anoitecem o lume da intelligencia irrequieta e audaz.

E' pois uma benemerencia summa a sua influencia social: suggestionam o bem em toda a vasta terra christã, onde os crentes pios, na reverencia profunda da admiração e da fé, joelhos em terra e a prece quente nos labios, copiam com ardor os recamos celicos de tantissimas virtudes heroicas.

A intriga.

Silenciosa, rastejante, espreita, toda olhos, como ave de rapina a presa que votou ao holo-

causto. Tem na voz meiguice terna, simula sinceridade no olhar bondoso, amor no semblante tredo; seduz, enfeitica, acarinha, afaga. Assalta como os bandidos, ás escuras; adula como as cevandijas, de rastos.

Perguntando Jesus um dia á Caridade qual era a sua antithese mais odienta, respondeu: — Senhor! de todos os vicios que arrepiam de lanças a estrada que me traçaste, nenhum offende tão profundamente a minha obra de paz como a Intriga: ella, Senhor, sopra o furor das tempestades onde eu aro a leiva celica do bem: ella vem de noite, emquanto me reclino n'um descanso breve, e semeia furtivamente o grão negro da desordem sobre a minha seara de União. A minha coragem indomavel só ella a quebranta.

A tolerancia.

Flôr genuina do Christianismo foi perseguida iniquamente por muitos que das mãos de Jesus commungaram o pão do amor.

Pobre martyr! quando te vejo tantas vezes arastada aos tribunaes sacrilegos da Ignorancia mesquinha, quando te vejo pronunciada ré de crimes nefandos só por teres o arrojo santo de pôr mais uma gemma na corôa do Progresso, por lançares mais uma verdade no cofre da Razão, por minares a ara sangrenta de mais uma tirannia, por militares na ala imperterrita da liberdade, sinto-me vergar a teus pés, n'uma viva adoração fervorosa.

P.^o Antonio Hermano

NOTAS LIVRES

Nas críticas sem conto que hei lido quanto á famosa embuscada do dia 30, nos artigos de fundo que as gazetas desenvolveram em suas columnas vi, maguado, mais aggressão do que defeza preventiva, mais indignação esbanjada do que alvitres resistentes de efficacia.

Eu, se do fundo da minha obscuridade fosse chamado a votar, optaria por uma acção diversamente orientada; votaria, meus senhores, pela reforma do clero...

Na verdade se a classe tivesse sempre mantido a formosa linha de conducta que dá a luz divina do prestigio, não lhe surdiriam no encaço os apupos loucos da gentalha, que nem lhe merece a indignação.

Uma correção moral que infunda amor, uma illustração alta e illuminante como a requer o Evangelho, eis a panacéa efficaz que o clero deve oppôr á dissolução que o affronta. Mostre-se bom até o sacrificio, energico e firme como a convicção, mostre-se desdenhoso d'esse pó aureo que se diz — dinheiro — acciado e grave nos seus habitos venerandos, levando-se á altura de sua missão e conquistará o mundo.

Ha días discreteando um illustrado sacerdote sobre o abandono de que é victima a imprensa catholica á vista da prosperidade relativa que anima e multiplica a imprensa politica, alvitrou que se generalisasse uma viva campanha contra aquella e se promovesse em toda a linha a assignatura de diarios decididamente catholicos.

Já vi esse plano posto em pratica e provou inutil. Affirmei-lhe que um jornal tem um só meio de conquistar larga assignatura; é: ser moderno, bem redigido, largamente informado; se não se apresenta assim, é fatal o definhar. Um diario deve apparecer *feito*, prompto a satisfazer todas as legitimas exigencias do seu publico, alias os concorrentes sacrificam-no.

A reforma da instrucção secundaria que os sabios do extremo occidente dictaram soberanamente á docilissima gente lusa, intimou ao clero (malfadada classe!) ordem de despejo!

Sim, meus senhores, este sancto governo que a jacobinagem apoda de reaccionario, é-o tanto, que escorraça da cadeira do mestre o padre, cuja missão é o ensino. E tão abaixo desceu n'este insolito proposito, que até o magisterio livre lhe vedou por isso que exigiu ao professor particular diplomas de habilitação que o padre não possui, apesar de se ver submettido durante longos annos a uma engrenagem penosa de multiplicados exames.

Ha n'isto uma humilhação dolorosa contra a qual ferve o meu brio offendido; ha aqui uma injustiça inqualificavel, injustiça que avulta, fere e dôe, sobretudo quando ao *estrangeiro* se concedem com dadivosa mão garantias que ao clero *nacional* se negam!

João Mario.

Este mesmo não me encorajaria a escrever-lhe, se m'o não provocasse a *verdade* flagrante que elle encerra e a convicção de que é sempre útil pôr em evidencia os instinctos em que a par d'um ensino proveitoso se ministra uma sã educação religiosa.

A reforma da instrução

Encontramos vantagens reaes na nova reforma. Quasi todas as criticas que se tem produzido parecem antes nascidas de interesses feridos do que da convicção contraria á lei.

A *uniformidade dos livros* é uma claríssima vantagem para a bolsa das familias, que n'este ponto estava sendo alvaramente explorada, e é uma vantagem tambem para os alumnos, que tem a certeza de que serão interrogados de harmonia com os compendios por que estudaram.

Parece-nos tambem muito útil a divisão das disciplinas em pequenas doses, por varios annos seguidos. O martellar no mesmo assumpto osso, longamente, dará aos alumnos um saber mais consciencioso e duravel. Pelo systema até agora seguido, em regra nada ficavam a saber: voltado um vez sobre uma disciplina de que haviam feito exame, muito estava esquecido. Era um saber mais momentaneo do que intellectual. Ora como a serie de disciplinas preparatorias é na verdade a base sobre que tem de levantar-se os cursos superiores, é evidente que a reforma fazendo-as estudar com mais proficiencia se torna rapidamente util.

Nem se diga que a reforma augmenta em demasia o tempo consagrado aos preparatorios. A verdade é que até agora a maioria dos alumnos não conclua qualquer dos cursos liceus em menor periodo: e os que por sua menor habilidade os terminavam mais cedo, geralmente iam para os cursos superiores demasiado novos, isto é, em idade mui segura para se conduzirem bem e insufficiente para a comprehensão de seu verdadeiro valor intellectual.

Outra vantagem é essa para os alumnos de collegios, é ser-lhes a frequencia levada em conta, communicada á secretaria do respectivo lyceu e attendida nos exames de sahida. Assim augmenta a auctoridade dos professores dos collegios e suas garantidas ficam os alumnos.

Tambem não é desvantajosa a disciplina imposta aos alumnos dos lyceus, pois obriga-os a estudar, embora hajam de correr o risco de perder annos de frequencia os menos intelligentes, os mehos bem procedidos e os que derem um determinado numero de faltas, pois tudo lhes é levado em conta.

Não nos desagrada tambem o systema de reduzir os exames a dois. O regimen de numerosos exames em que até hoje se vivia, é incômodo pelos continuos sobressaltos e riscos que occasiona, e mais dispendioso pelas viagens a que obriga muitos collegios e alumnos e favorece grandemente o mau costume do *empenho* e mormente a falta de proficiencia o saber do examinado, que mal se pode averiguar n'uma lyceu prova oral. Os exames feitos como a nova lei preceitos, avaliam com mais efficacia o saber do alumno, porque são mais longos, feitos perante maior numero de examinadores e tem por base a prova scripta que é ordinariamente feita o examinado melhor se manifesta.

As propinas não excedem as que até agora se pagavam: ha-so a differença de se pagar d'uma vez ou duas o que até hoje se pagava por partes. Da o mesmo resultado se não se prescrever.

Estas e outras vantagens que a reforma tem fazem-nos sympathica a equitos respeito, embora tambem lhe reconheçamos alguns contras. As proprias criticas postas ao ensino livre são bem justificadas em grande parte, e prestam boa garantia ás familias que entregam seus filhos nos institutos particulares.

A entrada

A entrada geral será no principio de outubro. A Direcção do Collegio enviará a todos os alumnos, novos e antigos uma circular que indicará o dia fixado. Deve fazer-se com a possível regularidade e pontualidade essa entrada porque o Collegio tem de mandar para o Lyceu as listas dos que se matricularem nas diferentes aulas, listas que segundo o regulamento da Instrução Secundaria são da maior importancia para a admissão a exames, etc.